



Discursos sobre corpo e sexualidade feminina expressos em uma rede social

Discourses on the female body and sexuality expressed on a social network

Gleicy Kelly Felix Costa¹

 <https://orcid.org/0000-0003-2089-1560>  <http://lattes.cnpq.br/4484343028480048>

Lucas Rossato²

 <https://orcid.org/0000-0003-3350-0688>  <http://lattes.cnpq.br/6348192324051772>

Fabio Scorsolini-Comin³

 <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>  <http://lattes.cnpq.br/5320357141150023>

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar e compreender de que modo o corpo e a sexualidade feminina são representados em uma rede social por meio da investigação de uma página voltada a esse público. Trata-se de um estudo documental em que foram analisadas as perguntas enviadas a uma página dedicada à sexualidade feminina, na rede social Instagram®, entre maio de 2019 e março de 2021. Os principais temas produzidos por meio da análise das perguntas foram: feedback em relação à página, pornografia, ideologia de gênero, saúde da mulher, tabus femininos na sociedade, dúvidas sobre os produtos e vergonha de adquiri-los, denúncias e sugestões de conteúdo. Esses temas reforçam os interditos representados pelo corpo da mulher e a expressão da sua sexualidade. Destaca-se que a articulação entre educação em saúde e redes sociais mostra-se especialmente relevante, pois pode fornecer informações cientificamente embasadas sobre sexualidade e saúde sexual, auxiliando mulheres na reflexão e na compreensão de temáticas que são vistas como tabus pela sociedade.

Palavras-chave: Sexualidade; Saúde da mulher; Saúde sexual; Educação em Saúde; Rede social.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze and understand how the female body and sexuality are represented on a social network by investigating a page aimed at this audience. This is a documentary study in which the questions sent to a page dedicated to female sexuality, on the social network Instagram®, between May 2019 and March 2021 were analyzed. The main themes produced from the analysis of the questions were: feedback

¹ Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP – Brasil. E-mail: gleicykelly@usp.br

² Universidade Estadual do Tocantins, Augustinópolis/TO – Brasil. E-mail: lucas.r@unitins.br

³ Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP – Brasil. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br



regarding the page, pornography, gender ideology, women's health, female taboos in society, doubts about products and shame in purchasing them, complaints and content suggestions. These themes reinforce the prohibitions represented by the woman's body and the expression of her sexuality. It is noteworthy that the articulation between health education and social networks is especially relevant, as it can provide scientifically based information on sexuality and sexual health, helping women to reflect and understand themes that are seen as taboo by society.

Keywords: *Sexuality; Women's Health; Sexual Health; Health Education; Social Networking.*

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade não é um dado na natureza, sendo construída social e culturalmente. Essa dimensão na vida dos sujeitos pode ser vista enquanto necessidade humana, explicitada entre as necessidades de ordem psicobiológica e psicossocial, sendo um componente inerente à vida, desenvolvendo-se em um processo contínuo (Figueiroa et al., 2017). Nessa conjuntura é importante considerar que a expressão da sexualidade pode ser marcada pela história de vida singular de cada pessoa, em que o gênero masculino e/ou feminino assumirá caminhos diferentes de acordo com a prática ou a experiência individual (Ribeiro; Coelho, 2020), perpassada pelos aspectos subjetivos, sociais, culturais, históricos e morais do contexto em que vive.

O saber sobre a sexualidade durante muito tempo teve como objetivo regulá-la, determinando os desejos e as práticas sexuais consideradas normais, as patológicas, além de oferecer cura para os aspectos que consideravam "inadequados" ou desviantes (Ceccarelli; Andrade, 2018). As representações sobre o que se espera do feminino e do masculino, seus comportamentos e suas atitudes, até mesmo sexuais, refletiram e refletem na forma como as pessoas, a sociedade, as instituições e a ciência compreendem subjetivamente e lidam com essa dimensão, os interditos, a moralidade e os aspectos éticos que criam e circunscrevem essa dimensão da vida (De Tilio et al., 2021; Farinha; Scorsolini-Comin, 2018; Zucco; Minayo, 2009).

Em relação à sexualidade feminina, observa-se que esta foi construída ao longo dos anos de forma desarmônica, em oposição ao masculino e por meio de tabus e interditos que versam, por exemplo, sobre as expectativas sociais que cercam os gêneros, produzindo posições, constrangimentos e expressões que podem ser consideradas aceitas, impensáveis e mesmo desviantes conforme períodos históricos e suas mentalidades. Mulheres, por exemplo, sistematicamente ao longo dos anos passam por vivências de naturalização e perpetuação de uma imagem por vezes inferiorizada e assimétrica em relação ao homem, em que cabe a elas o cuidado exclusivo da família e do lar (Souza; Sirelli, 2018). Nesse sentido, as discussões de gênero permitem considerar que não é a diferença sexual que institui relações de modo hierárquico, mas, sim, a forma como cada sociedade valoriza e expressa tais diferenças biológicas e compreensões sobre o masculino e o feminino.

Já em relação ao corpo, pesam sobre essa dimensão simbólica o resultado das concepções de cada sociedade, modificando-se de acordo com cada contexto e momento histórico (De Tilio et al., 2021). O corpo é uma forma de manifestação social do ser no mundo e, desse modo, também pode ser visto enquanto um meio de expressão da existência e luta. Desnudados, encobertos, paramentados ou pintados, fazendo-se presentes nas ruas, em imagens ou em manifestos, os corpos são transformados em artefatos políticos, acionados de diversas formas para comunicar diferentes mensagens e produzir efeitos desejados (Gomes, 2017). Assim, compreender os corpos – e os discursos que pesam sobre eles – permite indiciar as diferenças naturalizadas e pouco questionadas.



Na atualidade, os assuntos envolvendo o corpo, a sexualidade e os papéis de gênero são abordados com frequência pelos meios de comunicação, sendo presentes nas novelas, noticiários, filmes e redes sociais, com destaque para as reivindicações de movimentos sociais (Pereira; Monteiro, 2015). Nesse sentido, tem sido possível observar um aumento exponencial nos debates acerca dessa temática, ainda que permeado por confrontos com aspectos morais, autoritários, éticos e preconceituosos que compõem a sociedade, levando a interditos na liberdade dos direitos sexuais e reprodutivos, principalmente das mulheres.

No que se diz respeito ao corpo feminino, com o passar do século XX, este foi ficando mais à mostra, o que gerou um impacto instantâneo na vida privada, regenerando o corpo em sua dimensão sexuada. Nesse contexto, os interditos sobre o corpo e a sexualidade tiveram influências expressivas da ciência e dos aspectos socioculturais, principalmente os relacionados às questões religiosas e espirituais (Leite, 2017) que determinavam os modos de ser, os comportamentos e práticas considerados saudáveis e adequados na vida das pessoas.

A vigilância sobre o corpo feminino e a cobrança pela imagem perfeita começam desde a infância, mas é com a adolescência que a imposição de um padrão começa a pesar sobre as meninas (Souza; Sirelli, 2018). Nesse sentido, o corpo das mulheres inscreve-se em um contexto em que, mesmo sem palavras ou movimentos, há uma história completa sobre seu tamanho, postura, modo de ser e conformação. Tais aspectos demonstram que para se reconhecer uma mulher é necessário reconhecer primeiramente a construção cultural que antecede a sua singularidade (Silva; Lara, 2023).

Assim, mostra-se importante discutir, refletir e problematizar os aspectos relacionados à sexualidade e ao corpo feminino, uma vez que esses elementos se posicionam em um contexto sociocultural, político e econômico permeado por discursos, emoções e afetos com multiplicidade de significados (Gomes, 2017). Nessa perspectiva, cabe questionar como discursos sobre o corpo feminino e sexualidade estão representados em redes sociais que visam a informar o público feminino sobre essas questões, por vezes interditas ou invisibilizadas em outros fóruns. Do mesmo modo, há a necessidade de evidenciar como estudantes, profissionais de saúde e educadores podem colaborar nessa rede de informação, criando conteúdos com linguagem adequada a esse público/veículo (Valli; Cogo, 2013).

Na atualidade, para além dos saberes produzidos pela ciência e por profissionais de saúde, as pessoas acessam conteúdos por meio de diferentes meios de comunicação em busca de respostas a dúvidas que emergem no cotidiano em relação aos aspectos de saúde, incluindo os relacionados à sexualidade e ao corpo. A internet modificou o acesso à informação e as relações sociais entre os indivíduos, tornando-se uma importante fonte de pesquisa sobre comportamentos de saúde por meio do diálogo interprofissional (Campos; Cecílio; Penaforte, 2016; Castro; Mecenas; Silva, 2019; Zucco; Minayo, 2009), o que tem permitido, também, pensar o planejamento e o desenvolvimento de ações de educação em saúde. Ao mesmo tempo, tem possibilitado aos sujeitos incorporarem novos modos de se posicionar na sociedade por meio de recursos de comunicação e interação disponíveis on-line, sobretudo pelas redes sociais virtuais (Remenche; Machado; Rohling, 2020).

Considerando os aspectos mencionados, o objetivo deste estudo foi compreender de que modo a sexualidade feminina é representada em uma página voltada ao público feminino disponibilizada no Instagram®. Parte-se, aqui, da consideração de que uma página destinada ao público feminino pode



ser um espaço de divulgação não apenas de informações de saúde, mas também um meio de comunicação mais próximo das mulheres, a fim de que possuam segurança e respeito ao anonimato para apresentarem suas dúvidas em relação aos seus corpos, à sexualidade, à busca do prazer e a comportamentos relacionados à saúde da mulher. Além disso, com esse panorama e considerando os diversos interditos que atravessaram e ainda constituem o campo da sexualidade feminina e da saúde da mulher, justifica-se este estudo como forma de potencializar o diálogo dos profissionais de saúde com espaços não formais de informação, a fim de que esses conhecimentos possam ser divulgados por meio de orientações científicas e respaldadas nas melhores práticas de saúde.

2. MÉTODO

2.1 Tipo do estudo

O presente estudo é de caráter documental. Esse tipo de estudo permite acessar um campo comunicacional no qual os sujeitos descrevem suas demandas de saúde, abrindo a possibilidade de se acessar representações sociais acerca dos processos de saúde-doença, bem como comportamentos relacionados à saúde (Castro; Mecnas; Silva, 2019). Embora os estudos no campo das ciências da saúde privilegiem metodologias empíricas e que possam ser produtoras de evidências para a prática, destaca-se que os estudos documentais podem ser ferramentas importantes para o apoio à produção dessas evidências. Investigações que tomam por base as redes sociais e os recursos imagéticos disponíveis nesses espaços têm sido cada vez mais frequentes no campo da saúde (Campos; Cecílio; Penaforte, 2016; Castro; Mecnas; Silva, 2019).

2.2 Fonte documental

Os documentos que foram coletados e analisados no presente estudo referem-se às dúvidas e comentários enviados por usuários a uma página na rede social Instagram®. À época da coleta dos dados, a página possuía mais de 99,5 mil seguidores e 375 publicações (no mês de outubro de 2021), alcançando um público majoritariamente feminino. Por mês, eram registradas cerca de 800 dúvidas e comentários. Tais questionamentos eram respondidos pelas administradoras da página, sendo uma delas com formação em enfermagem e experiência com pesquisas e projetos de extensão na área de saúde da mulher. Entre essas dúvidas e comentários, havia questões sobre produtos eróticos comercializados na página, além de perguntas relacionadas à sexualidade, à busca do prazer, feminismo, machismo, educação sexual e acerca da saúde da mulher.

2.3 Procedimento

Na coleta de dados, foram recuperadas as perguntas enviadas à página desde o período de sua criação, em maio de 2019, até o final do mês de março de 2021. As perguntas coletadas nesse período foram transpostas para um banco de dados em Excel e categorizadas em termos de: (a) usuário(a) que enviou a dúvida; (b) possíveis características desse(a) usuário(a) que tenham sido descritas na pergunta; (c) data de envio; (d) grande tema da pergunta; (e) temas específicos. Esse banco de dados com essa categorização compôs o *corpus* analítico.

O *corpus* analítico foi categorizado por meio dos procedimentos de análise temática Braun e Clarke (2006): (a) familiarização com o tema (leitura repetida, ativa dos dados, notas e ideias para a



codificação); (b) geração de códigos iniciais (produção de códigos iniciais a partir dos dados, grupos significativos); (c) procura por temas (triagem de diferentes códigos em temas, início da análise dos códigos); (d) revisão dos temas (revisão e refinamento dos temas, mapa temático); (e) definição e nomeação dos temas (identificar o assunto principal de cada tema); (f) produção do relatório. Este relatório produzido a partir da análise temática contém os principais temas que representam o *corpus*. Esses temas foram descritos, incorporando trechos das perguntas que foram categorizadas sob um mesmo tema, permitindo ao interlocutor conhecer os discursos que, em conjunto, formam cada tema. Os temas foram produzidos por dois juízes independentes e validados por um terceiro juiz, todos com experiência na realização de estudos qualitativos. Posteriormente, esses temas foram interpretados a partir da literatura científica da área de sexualidade e de gênero, na interface com o cuidado em saúde.

2.4 Considerações éticas

O presente projeto, por seu caráter documental, não necessitou de avaliação por comitê de ética em pesquisa. No entanto, não foram divulgados os nomes ou a identidade do público usuário da página, preservando o anonimato. A essa consideração deve-se acrescentar que muitas dessas perguntas já são enviadas em formato anônimo.

3. RESULTADOS

A referida página surgiu em maio de 2019 como forma de compartilhar e debater questões sobre o corpo e o prazer feminino, tendo como temática principal a divulgação da masturbação feminina como forma de contato com o próprio corpo, de reconhecimento desse corpo e de exercício de prazer. Além da masturbação são apresentados conteúdos relacionados aos cuidados de higiene, ciclo menstrual, coletor menstrual, métodos contraceptivos, virgindade, lubrificação, depilação e saúde da vulva – candidíase, vaginismo – que fazem um diferencial na vida de pessoas com vulva.

Em primeira instância, a página é um meio de informação sobre corpo e sexualidade feminina. Além disso, possui atrelada a ela a venda de produtos eróticos a preços acessíveis, desmistificando o uso desses recursos e ampliando o seu acesso a públicos distintos. Desde o início da divulgação da página, o que se observa é que ela não tem sido acessada unicamente com o objetivo de adquirir tais produtos, mas, fundamentalmente, de obter informações sobre corpos, sexualidades e práticas sexuais. Assim, tem recebido desde o início muitas dúvidas acerca dos produtos e sua adequação às demandas de cada cliente, bem como questionamentos sobre sexualidade, prazer e saúde sexual. Com a identificação desse tipo de demanda, a página tem sido buscada para sanar dúvidas não apenas de clientes, mas também de usuários da internet em geral interessados nos assuntos relacionados ao conteúdo da página.

Como plataformas de divulgação de conteúdo, a página faz uso do site e perfis do Instagram® relacionados ao assunto, além do Facebook® e do Twitter® (atual X). No Instagram® – plataforma onde a conta está atualizada e possui um número maior de seguidores – a página possuía mais de 99,5 mil seguidores e 350 publicações à época da coleta dos dados. Com isso, recebia cerca de 50 dúvidas e/ou comentários por dia, chegando a um total de aproximadamente 800 por mês.

De acordo com dados cedidos por uma das idealizadoras da página, entre as pessoas que curtem a página, 91% identificam-se como mulheres e 9% são homens (sem dados contabilizados de pessoas



que não caracterizam essa binaridade). A maioria está na faixa etária entre 18 e 24 anos (46%), seguindo de 37% com idade entre 25 e 34 anos, sendo menor a frequência de pessoas idosas (1%) e adolescentes (4%). O maior público de alcance é do estado de São Paulo, com 12%, e Rio de Janeiro, com 7%. Em relação aos países dos usuários, a maioria é do Brasil, seguida por Portugal e Angola.

A página vem conquistando espaço entre as mídias sociais digitais com seu conteúdo informativo e publicitário, promovendo a acessibilidade e a conscientização pelos *posts* considerados simples, diretos e ilustrativos. Trata-se de um espaço que busca expor seus conteúdos de uma forma lúdica e bem-humorada, facilitando a abordagem de assuntos que naturalmente são considerados tabus.

Os resultados obtidos por meio das perguntas e comentários enviados à página entre maio de 2019 e março de 2021 foram organizados por meio da categorização dos dados coletados, referentes aos conteúdos mais frequentes. A seguir, serão apresentados os principais temas produzidos por meio das dúvidas e comentários direcionados à página, com exemplos ilustrativos. Os marcadores linguísticos dos/as usuários/as foram mantidos neste estudo, de modo que os trechos refletem o modo como essas perguntas foram registradas na comunicação com a administração da página:

Tema I: Feedback em relação à página

"Oi, bom dia, tudo bem? Eu vim checar a sua página e amei o conteúdo. Sou ginecologista e concordo com as informações que eu vi; estão correntinhas. Parabéns pelo conteúdo e continue assim que agora eu virei fã!"

"Gracias mana, eu amo o vosso perfil e tenho aprendido muito. Sou Angolana e infelizmente esse tipo de informação ainda é tabu no meu País. E fico feliz por poder partilhar com as minhas seguidoras."

Tema II: Pornografia

"Muito isso, a educação sexual que temos é a pornografia e a gente não vê uma camisinha sendo usada."

"O problema é o que a pornografia CAUSA no seu cérebro. Não existe pornografia consciente e eu tô falando com propriedade, pois estou me desintoxicando da pornografia e de TUDO que ela causou em mim e na minha sexualidade... Tô falando da minha experiência e de várias outras MULHERES com quem eu me conectei nessa jornada que passaram e passam pelo mesmo que eu. [...] Mas dizer que isso é empoderamento sexual é fora da curva. A pornografia destruiu a minha sexualidade e não foi ver "pornografia consciente" que me ajudou a me empoderar! Foi fazer TERAPIA e descobrir vários traumas refletidos na sexualidade! Empoderamento é AUTOCONHECIMENTO!"

**Tema III: Ideologia de gênero**

"Como se isso já não fosse culturalmente normalizado e a relação sexual não tivesse virado um serviço não remunerado que a mulher oferece para dar prazer ao homem dentro de um relacionamento romântico."

"O machismo atua ainda como um filtro anacrônico incapaz de perceber outra organização que não essa."

"Nunca será aceita a vagina, tô tão acostumada já com gente não sendo capaz de entender que xotas existem e que somos oprimidas só por tê-las. E que temos sim que gritar pro mundo sobre nossa biologia pq eh ela q nos mata, querem calar a gnt a todo custo, fico de cara."

Tema IV: Saúde da Mulher**Subtema: Métodos contraceptivos**

"Aquele história que a cada ano tem que parar de tomar para a pílula não parar de ter efeito é verdade?"

"Queria fazer uma pergunta pessoal, se não for um problema pra vcs responderem, e baseado no meu relato e experiência pessoal, perguntar qual método vcs me indicariam. Depois do post de hoje sobre o DIU resolvi perguntar pq tô perdida. A pergunta pessoal é: vocês usam esse método? Se sim, qual?"

Subtema: Candidíase

"Oi! Tudo bem? Será que eu podia tirar uma dúvida com você?? É sobre candidíase... eu reparei nas últimas 2 menstruação. E tipo, não tenho nenhuma ardência nem coceira."

"Oi, como usar óleo de coco para prevenir a candidíase, ou aliviar sintomas? Aplica na parte interna ? Pode aplicar com aplicador de pomadas?"

Subtema: Vaginismo

"Eu queria saber sobre uma coisa que tenho bastante vergonha. Acho que tenho vaginismo e sei que tem tratamento, acompanho vocês e tem me ajudado muito."

"Eu tenho vaginismo, tenho que operar?"

Tema V: Tabus femininos na sociedade**Subtema: Depilação**



"Hoje não, mas já deixei de transar por não estar. E quando fui parar de depilar a vulva, no começo ficava tensa com o que o cara ia pensar, hj já fico mais tranquila."

"Pra mim acho que funciona ao contrário. Não tenho neura com depilação, se um dia sentir vontade depilo, mas geralmente não o faço. E sinto que não faz muito bem pra mim não, incluindo em relação a odores."

Subtema: Masturbação

"Fui assediada, e me masturbo mesmo assim. Não superei, afinal eu era criança, mas não vou deixar de sentir prazer por isso. Eu mesma me tocando, não tenho do que ter medo."

"Boa tarde lindeza. Passando para dizer que: nessa quarentena as siriricas estão toda a em dia, e estou aprendendo cada dia mais com a página sobretudo. Página maravilhosa, aliás".

Tema VI: Dúvidas sobre os produtos e vergonha de adquiri-los

"Qual modelo de vibrador vcs recomendam pra quem nunca usou e tem vaginismo? Sintomas de vaginismo."

"Como faz pra comprar? Desculpe a ignorância.... Nunca usei nada disso. Aquele mini massageador... É introduzido na vagina... Eh na região de fora? Como eh?"

Tema VII: Denúncias

"Uai o povo te segue pra denunciar?? Acho tão chato isso... denunciar página de pornografia não consensual ninguém quer né?"

"Mana, acredita que o instagram está falando que isso é informação falsa? Kkkkk alguém deve ter denunciado, ninguém merece."

Tema VIII: Sugestões de conteúdo

"Bom dia!! Poderia falar sobre a histerectomia total? Fiz em 2016 e de lá pra cá muita coisa mudou em mim, principalmente o desejo sexual. Estou com 45 anos hoje. Obgda e gratidão amoooo a página."

"Oiii, vi que você deixou uma caixinha aberta para temas esses dias mas não consegui mandar. Gostaria que fosse debatido também a terapia orgástica."

"Olá, poderíamos pensar juntos sobre as cuecas absorventes, né? Seria incrível pensando em nós homens trans".



4. DISCUSSÃO

Após dois anos em atividade, a página tinha cerca de 99,5 mil seguidores e o número de publicações oscilava devido às denúncias feitas e, assim, excluídas pela rede social. Alcançava cerca de 800 perguntas/comentários por mês, segundo dados cedidos por uma das idealizadoras da página. Com a abertura da loja on-line no dia 9 de março de 2020, o fluxo de vendas via direct diminuiu, além do fato de garantir melhores formas de pagamento e uma venda mais segura às clientes, assim como assegurar que as administradoras pudessem focar em produzir conteúdo e apostarem nas divulgações.

Apesar das denúncias à página, os feedbacks eram positivos, em sua maioria. Entre os comentários trazidos na seção de resultados, destaca-se o de uma ginecologista reforçando que os conteúdos da página estavam corretos do ponto de vista científico. Encontram-se menções ao compartilhamento desses conteúdos em outras páginas e perfis, bem como o alcance dos conteúdos em outros países, como angola.

Os comentários referentes a processos de aprendizado reafirmam como a página tem sido fonte de conhecimento, pois sabe-se que debater sobre a sexualidade é um trabalho difícil por ser visto socialmente como polêmico. Além disso, é imprescindível considerar que a educação em saúde sexual deve se atentar para a multiplicidade de fatores envolvidos nesse aspecto. A página tenta fomentar o contato com a sexualidade e com o corpo feminino, em um processo que busca emancipação e liberdade de expressão diante de um contexto conservador que busca reprimir constantemente esses aspectos. Esses movimentos e problematizações que procuram dar visibilidade e demonstrar formas de enfrentamento têm sido evidenciados na literatura científica (Gomes, 2017).

É importante problematizar que, historicamente, as representações de corpo feminino na sociedade foram e, de certo modo, ainda são construídas e mediadas por estereótipos predefinidos em uma sociedade patriarcal, sendo dominados e oprimidos em uma cultura que objetifica esse corpo feminino (De Tilio et al., 2021). Observa-se que esse corpo era um corpo colonizado (Ballestrin, 2017), que precisou buscar sua liberdade por meio de movimento de lutas emancipatórias. Desse modo, movimentos que oportunizam a visibilidade ao corpo e à sexualidade como algo que faz parte do processo de desenvolvimento dos sujeitos mostram-se relevantes e necessários.

Apostar na discussão sobre a educação sexual é muito importante quando pensamos no preparo do indivíduo para vivenciar sua sexualidade de forma prazerosa e livre de toda e qualquer repressão. Apesar disso, implementar ações de educação sexual no contexto social brasileiro ainda é um desafio, sobretudo quando considerados os espaços formativos como a escola (Furlanetto et al., 2018).

Portanto, as redes sociais podem ser uma ferramenta aliada no processo de dar visibilidade a temáticas relevantes e de interesse social. Como mencionado anteriormente, a internet tem possibilitado que novos modos de se posicionar na sociedade sejam incorporados pelos sujeitos com acesso aos recursos de comunicação e interação disponíveis on-line, sobretudo aqueles disponibilizados pelas redes sociais virtuais, constituídas por interações que agregam identidades por afinidades (Remenche; Machado; Rohling, 2020). Desse modo, esses recursos digitais têm um papel significativo na transmissão de informações úteis para a sociedade, mas também são um



ambiente fértil para a desinformação e disseminação de notícias e informações inverídicas e, portanto, devem ser observados e analisados de forma crítica.

Cotidianamente, mais pessoas têm seguido páginas que tratam de assuntos pertinentes para o crescimento pessoal e social e que, muitas vezes, não são possíveis de serem debatidas dentro do seu ambiente familiar, com educadores ou até mesmo com profissionais de saúde por causarem certas situações de constrangimento. Assim, de forma anônima, ou sem precisar ceder muitas informações sobre si mesmo, são capazes de acessar a informação que necessitam. Ao mesmo tempo, não se deve desconsiderar que essas mesmas redes sociais podem promover polarizações e movimentos autoritários (Machado; Miskolci, 2019), por meio de uma cruzada moral com o objetivo de reprimir determinados assuntos por meio de ameaças, notícias falsas, perseguições e denúncias em relação a conteúdos que consideram “subversivos” (como as denúncias que ocorrem contra a página aqui analisada).

As redes sociais permitem aos indivíduos se conectarem entre e com outros usuários com os quais compartilham uma conexão feita por outras pessoas dentro da plataforma com base em interesses comuns compartilhados. Esse ambiente virtual contribui na formação de vínculos, identificação e afirmação de um lugar que gera reconhecimento enquanto sujeito pertencente e de direitos como qualquer outra pessoa na sociedade, possibilita a formação de grupos e coletivos que expressam diferentes leituras da realidade das mulheres e, assim, movimentos sociais feministas nacionais e internacionais se atravessam e se constroem por meio dessas mediações tecnológicas (Oliveira; Silveira; Silva, 2020).

No entanto, mesmo com a possibilidade de acesso e a construção de debates e reflexões procedentes das redes sociais, constata-se que o corpo feminino foi censurado por tanto tempo que sequer as próprias mulheres o conhecem direito, partindo do pressuposto que nem mesmo toda desconstrução e superação de certas normas, mitos e tabus em relação à sexualidade na atualidade foram capazes de cessar essa defasagem (Remenche et al., 2020). Em síntese, sabe-se que várias gerações de mulheres foram marcadas tanto física quanto psicologicamente pela opressão (Ballestrin, 2017).

É essencial a criação de novos fóruns, encontros e diálogos sobre a luta feminista, com espaços alternativos, principalmente virtuais, com enfoque em debates para além das diferenças (Ballestrin, 2017). O ciberespaço tem sido um local possível para encontros e lutas por ideais e objetivos comuns na busca por espaço e direitos da luta feminista (Martinez, 2019), mas ainda assim não é um ambiente acessível a todas as mulheres.

No que refere à pornografia, como manifestado pelos comentários feitos na página, ela está cotidianamente presente na maioria das sociedades, sendo uma forma de expressão da sexualidade que muitas vezes não corresponde à realidade, podendo ser positiva ou negativa na vida das pessoas (Groves et al., 2011). A curiosidade com relação à pornografia está inserida em um interesse geral relacionado à sexualidade, sendo que fatores subjetivos de ordem social, cultural, históricos, entre outros, exercem influência em como as pessoas consideram esses aspectos.

A pornografia dita como convencional deixa evidente a desigualdade de gênero, reforçando a ideia da mulher submissa ao prazer masculino e a erotização da violência. A atividade sexual em cenas pornográficas é quase sempre unilateral, sendo a mulher usada para satisfazer as necessidades do homem, enquanto o prazer feminino é, na maioria das vezes, ignorado, reafirmando, assim,



estereótipos das “necessidades” que o homem possui (D’Abreu, 2013). Esses aspectos muitas vezes acabam tendo uma repercussão social e na vida conjugal, pois em experiências de atendimento e em comentários deixados na página aqui analisada, por exemplo, são observadas situações em que mulheres relatam que o prazer feminino é deixado de lado pelos parceiros sexuais.

O consumo de pornografia pode apresentar aspectos positivos e negativos a depender de como os sujeitos irão lidar subjetivamente com os aspectos relacionados a essa dimensão e as repercussões dessa na vida cotidiana e nas práticas sexuais (D’Abreu, 2013; Litsou et al., 2021). Do mesmo modo, é necessário problematizar os locais onde os jovens buscam informações sobre sexo (Rothman et al., 2021) e as repercussões disso nos aspectos da saúde sexual e reprodutiva, sendo um dos meios a pornografia. Assim, essa objetificação da mulher pela pornografia pode ter repercussões sociais significativas, principalmente em contextos culturalmente propensos a colocá-la nesse papel.

Quanto às questões de gênero e/ou machismo na sociedade, há que se retomar que não se trata de elementos necessariamente contemporâneos, mas que atravessam a história humana. Ao longo dos anos, foram muitas lutas em diferentes contextos socioculturais e movimentos que procuraram a emancipação do feminino frente ao machismo estrutural impregnado na sociedade (Pinto, 2010; Reid, 2018).

Na história ocidental, sempre houve mulheres que se rebelaram contra a condição de subalternidade impostas, lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas (Pinto, 2010). No Brasil, os momentos de luta pelos direitos das mulheres enfrentaram e ainda enfrentam inúmeras resistências na busca por direitos básicos e na atual conjuntura têm se deparado com um cenário hostil e moralista até mesmo nas práticas governamentais, que negam direitos sexuais, reprodutivos e até mesmo de condições básicas de saúde sexual e higiene por meio de vetos a programas assistenciais que seriam relevantes para as mulheres, principalmente as que vivem em condições de vulnerabilidade. Todos esses aspectos, somados a outros e a significativa desigualdade social presente em nosso contexto causam implicações significativas para a saúde sexual das meninas e mulheres e consequentemente na qualidade de vida (Silva et al., 2021).

Em relação à educação sexual, observa-se que ela deveria ser parte da agenda governamental em busca de prestar melhores informações para a população, em especial para os jovens que estão iniciando sua interação com esses conteúdos. No contexto nacional, a não implantação efetiva de políticas públicas de abrangência nacional voltadas à educação sexual, somado a outros problemas sociais, acabam oportunizando o surgimento de problemas mais graves que interferem na vida de jovens e adultos (Cabral; Brandão, 2020; Vieira et al., 2021).

A falta de informações e serviços de aconselhamentos que orientem em relação aos aspectos da sexualidade/práticas sexuais pode gerar exposição a situações de risco e envolvimento em situações de vulnerabilidade em relação às IST e à gravidez indesejada. Assim, são necessárias ações em educação e saúde que visem a uma melhor compreensão sobre o assunto, assim como acesso fácil e gratuito a métodos contraceptivos, proporcionando aos adolescentes, por exemplo, consciência sobre uma sexualidade segura e responsável (Vieira et al., 2021).

Questionamentos sobre métodos contraceptivos, assim como a forma certa de usá-los foram apresentados na página. No que se refere aos preservativos, estudos realizados no Brasil sobre a negociação de seu uso ou desuso demonstram que, entre os homens, acredita-se que só há necessidade em se fazer uso apenas em relações com mulheres vistas como não confiáveis; para



aquelas consideráveis estáveis e confiáveis o seu uso é descartado, sem ser ao menos cogitado (Delatorre; Dias, 2015).

Em relação às ist, outro tema bastante endereçado à página, a candidíase vulvovaginal compõe uma das formas mais comuns de infecção genital feminina, afetando 75% das mulheres ao menos uma vez na vida, associada a um desequilíbrio da flora vaginal alterando assim seu ph ácido (Campinho et al., 2019). Além da candidíase, uma outra questão de saúde presente na vida da mulher e pesquisada na página analisada é o vaginismo. O vaginismo é um aspecto pouco compreendido que interfere na vida sexual de mulheres e se caracteriza por uma contração muscular involuntária dos músculos do pavimento pélvico e do terço externo da vagina durante as tentativas de intercuro sexual, o que resulta em aversão à penetração (Carvalho et al., 2017).

Por se tratar de uma disfunção sexual ainda desconhecida por muitos profissionais de saúde, faz com que muitas pacientes sejam submetidas a uma sequência de tratamentos inadequados. Por essa razão, é de extrema importância compreender o sofrimento que muitas mulheres podem sentir quando acometidas por esse problema e procurar informá-las adequadamente de sua condição, fornecendo tratamento eficaz, incluindo atendimento médico, psicológico, fisioterápico especializado, entre outros.

Outro tema endereçado à página é a depilação feminina. Esse procedimento, especificamente na área genital feminina, na atualidade é realizado por uma questão de higiene e de estética, justamente por não existir em tempos atuais na literatura estudos que comprovem essa prática como benéfica para a região pubiana (Giraldo et al., 2013). Por meio de técnicas variadas, as mulheres se submetem a processos de aniquilação de pelos que recobrem todo o corpo, demandando dinheiro, tempo e promovendo dor, em troca de uma prática socialmente entendida como fundamental para o que se refere à beleza e à feminilidade. Em contrapartida, mulheres que optam por deixar os pelos naturais por todo seu corpo passam por situações indelicadas e de constrangimento em muitos contextos, de modo que parece ser uma transgressão preferir o corpo natural.

Ainda em relação ao corpo feminino e à busca pelo prazer, a masturbação também é uma questão que desperta a curiosidade das seguidoras da página. A masturbação pode ser uma forma de se autoconhecer e buscar o prazer, o que continua a mobilizar o engajamento das seguidoras da página sempre que conteúdos que envolvem esse tema são postados.

Por fim, destaca-se o interesse do público em relação aos produtos vendidos na página, destacando a vergonha em adquiri-los. Embora a aquisição desses produtos esteja cada vez mais popularizada, ainda assim circulam mitos e tabus relacionados às mulheres que fazem esse uso. Esse receio também é trazido pelas usuárias no sentido de sentirem receio de serem descobertas em suas aquisições e julgadas em relação à sua sexualidade. Assim, podemos considerar que o próprio acesso à página é significado, muitas vezes, como um desvio ou como algo que elas preferem manter no anonimato. Mesmo quando o acesso à página e o envio de pergunta não se refere à aquisição de um produto, mas para direcionar alguma dúvida de saúde, por exemplo, como pudemos observar nas demais categorias, nota-se um certo constrangimento por parte de algumas usuárias.

Essas observações reforçam dois sentidos principais: de que os mitos e tabus sobre a sexualidade feminina ainda permanecem vivos, a despeito de uma cultura de desconstrução fortalecida pelas mídias e redes sociais; e de que o acesso a páginas que tematizam a sexualidade feminina, com fins



comerciais ou não, ainda é significado como uma atividade transgressora, situada no campo do interdito. Ações de educação em saúde, sobretudo em relação à saúde da mulher, devem considerar fortemente esses marcadores aqui discutidos, visando à adoção de estratégias mais efetivas de informação, de esclarecimento de dúvidas e de promoção de uma cultura de aceitação da sexualidade feminina em todas as suas expressões e possibilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou o quão relevante é compreender os discursos apresentados no que diz respeito à vivência da sexualidade e saúde das mulheres em uma página do Instagram. O expressivo número de seguidores durante os dois anos de coleta retrata o interesse – mas também a complexidade – que é abordar a sexualidade, sobretudo a feminina.

Partindo do fato de que ainda hoje há poucos espaços para discutir a sexualidade feminina, as mulheres encontraram na página uma forma de aprender sem precisar de muito tempo. A abertura da loja virtual de vendas de produtos eróticos fortaleceu o engajamento da página, pois no mesmo site em que se era possível comprar um produto também havia informações sobre métodos contraceptivos, saúde da mulher e empoderamento feminino.

É importante debatermos que educar para a sexualidade não é um compromisso apenas da família ou da escola, mas também de profissionais de saúde, sobretudo aqueles engajados na educação para a saúde. A educação sexual integral, para além de informações sobre genitálias e reprodução, deve abordar uma diversidade de outros temas que podem ser relevantes para a população. Sendo assim, é preciso ampliar os canais para que se possa falar sobre a sexualidade humana de modo respeitoso, ético e científico.

A pesquisa apresentada aponta para a relevância de compreender os discursos acerca da identidade, sexualidade e das formas de exercícios do feminismo para que se possam construir novos modos de discutir o empoderamento feminino na contemporaneidade. Frente ao digital e pelas aceleradas e impermanentes formas de interagir, informar-se e absorver comportamentos, investigar essas páginas pode ser um recurso na educação para a saúde, revendo também posicionamentos arraigados em nossa sociedade, ainda sustentada no machismo, o que interfere de modo profundo na vida e nos corpos das mulheres. É mister, por fim, que tais páginas possam ter um suporte científico em todas as suas informações e interações, garantindo a qualidade do conhecimento compartilhado e priorizando sempre o diálogo com os equipamentos formais de saúde.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. M. A. Feminismos subalternos. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 1035-1054, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1035>

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

CABRAL, C. S.; BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00029420>



CAMPINHO, L. C. et al. Probióticos em mulheres com candidíase vulvovaginal: qual a evidência?. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 35, n. 6, p. 465-468, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v35i6.12116>

CAMPOS, M. T. A.; CECÍLIO, M. S.; PENAFORTE, F. R. Corpo-vitrine, ser mulher e saúde: produção de sentidos nas capas da Revista Boa Forma. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, p. 611- 628, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/demetra.2016.22394>

CARVALHO, J. C. G. R. et al. Terapêutica multimodal do vaginismo: abordagem inovadora por meio de infiltração de pontos gatilho e radiofrequência pulsada do nervo pudendo. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, v. 67, p. 632-636, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bjane.2014.10.011>

CASTRO, L. G. F.; MECENAS, D.; SILVA, D. C. P. Ethos forjado em memes digitais da @barbiefascionista: sentidos sobre raça e sexualidade. **Interfaces**, v. 10, n. 4, p. 38-52, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6011

CECCARELLI, P. R.; ANDRADE, E. L. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, n. 2, p. 229-250, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p229.2>.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 592-601, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300013>

DELATORRE, M. Z.; DIAS, G. C. A. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. **Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 1, p. 60-73, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100006

DE TILIO, R., et al. Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário "Chega de fiu fiu". **Psicologia & Sociedade**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33228620>

FARINHA, A. J. Q.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre não maternidade e sexualidade feminina: revisão integrativa da literatura científica. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 1, p. 187-205, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2316>

FIGUEIROA, M. N. et al. A formação relacionada com a sexualidade humana na percepção de estudantes de enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 15, p. 21-30, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388255693004>

FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145084>

GIRALDO, P. C. et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, p. 401-406, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032013000900004>



GOMES, C. D. C. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 231-255, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.12.a>

GROV, C., et al. Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: A US online survey. **Archives of Sexual Behavior**, v. 40, n. 2, p. 429-439, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9598-z>

LEITE, K. L. C. Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 49, e174922, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490022>

LITSOU, K., et al. Learning from pornography: results of a mixed methods systematic review. **Sex Education**, v. 21, n. 2, p. 236-252, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2020.1786362>

MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das Jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, p. 945-970, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752019v9310>

MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, v. 56, e195612, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560012>.

OLIVEIRA, M. D., SILVEIRA, P. S. D.; SILVA, C. M. D. As mulheres, os feminismos e as TICs. **Katálisis**, v. 23, p. 449-458, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p449>

PEREIRA, Z. M., & MONTEIRO, S. S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. **Revista Contexto & Educação**, v. 30, n. 95, p. 117-146, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2015.95.117-146>

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>

REID, E. How the personal became political: the feminist movement of the 1970s. **Australian Feminist Studies**, v. 33, n. 95, p. 9-30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08164649.2018.1498729>

REMENCHE, M. L. R.; MACHADO, P. H.; ROHLING, N. Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, e60375, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260375>

RIBEIRO, M. D. S., COELHO, G. G. O dispositivo em Michel Foucault: uma revisão de literatura a partir dos estudos de gênero e sexualidade. **Diaphora**, v. 9, n. 1, p.58-65, 2020. <https://doi.org/10.29327/217869.9.2-9>

ROTHMAN, E. F., et al. The prevalence of using pornography for information about how to have sex: findings from a nationally representative survey of US adolescents and young adults. **Archives of Sexual Behavior**, v. 50, n. 2, p. 629-646, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01877-7>



SILVA, A. C. S. P. et al. Female sexual health in women's empowerment times. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p.e28010716415, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16415>

SILVA, A. R.; LARA, A. H. Dor versus prazer: a sexualidade na performance de mulheres. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 13, p. e126011, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660126011vs01>

SOUSA, M. O.; SIRELLI, P. M. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**, n. 132, p.326-345, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.144>

VALLI, G. P.; COGO, A. L. P. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 3, p. 31-37, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300004>

VIEIRA, K. J. et al. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0066>

ZUCCO, L. P.; MINAYO, M. C. S. Sexualidade feminina em revista(s). **Interface**, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 43-54, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000100005>

Submissão: 21/03/2023

Aceito: 18/09/2025